



Acervo Ministério da Cultura. Foto: Pedro França, foto modificada. 

Riachão

Por: Pedro R. J. Abib¹

¹ Professor da Universidade Federal da Bahia, sambista, cineasta e capoeirista discípulo do mestre João Pequeno de Pastinha

Riachão, o último malandro da Bahia

Praça do Campo Grande, Salvador, Bahia. Desce do ônibus um negro franzino e de baixa estatura. O paletó xadrez bem aprumado compõe com a calça e sapatos brancos impecáveis. No pescoço uma toalha cai sobre os ombros como se fosse cachecol, além dos vários colares dourados e guias de santo que a camisa colorida desabotoada deixa à mostra. Nas mãos um anel em cada dedo. Na cabeça uma boina branca, contrastando com sua pele escura. Aparenta uns quarenta e poucos anos, pela disposição e agilidade nos movimentos, mas na verdade tem quase oitenta.

Ao saltar do ônibus, nota-se logo que se trata de um sujeito incomum. Despede-se efusivamente do motorista e de alguns passageiros que respondem à altura. Nem sequer começa a caminhar pela praça e já ouve saudações com o seu nome, brincadeiras, tapinhas nas costas. Ele por sua vez, com muita “gaiaticice” responde cantando alguns versos improvisados e, como não podia deixar de ser, sapateando maliciosamente um bom samba miudinho, acompanhado por uma verdadeira batucada de sons que o pequeno homem emite pela boca enquanto canta. Todos o reconhecem, todos se alegram com a sua presença. O homem não para um só segundo, sua energia e bom humor admiráveis, parecem inesgotáveis.

Essa foi a primeira vez que vi Riachão fora dos palcos. Antes já o tinha visto cantar no Clube Cruz Vermelha, tradicional espaço de samba de Salvador já desativado há um bom tempo, junto com João Nogueira, Edil Pacheco, Walmir Lima e outros bambas do samba da Bahia. Eram meados dos anos 1990 e eu fiquei admirado de ver aquela figura pitoresca trajado de um jeito muito peculiar e se comportando no palco com toda picardia, fazendo lembrar dos velhos malandros do samba de outrora. Me fez ter a sensação de que eu voltara no tempo.

Por isso fiquei ainda mais surpreso quando presenciei a cena na Praça do Campo Grande descrita no início do texto, pois percebi que o malandro que vi no palco do Cruz Vermelha não era apenas uma caracterização de um artista em cena, mas sim a sua própria personalidade encarnada no cotidiano de sua vida. Riachão sempre foi um personagem de si mesmo.

Por isso o malandro Riachão era essa figura inacreditável, que parecia saltar das páginas de um livro de histórias ou da tela de cinema diretamente para a vida real, cotidiana, concreta, vivida. Onde quer que se encontrasse Riachão era sempre a mesma coisa, não importava a hora e o local, ele sempre estava trajado daquele jeito peculiar e na primeira provocação ou saudação com o seu nome, o gaiato saía sapateando, batucando onde quer que pudesse tirar um som e cantando suas músicas que descreviam tão bem a sua Bahia, histórias e personagens do seu povo, que sua arte soube tão bem definir.

Por isso Riachão era tão querido. Possuía uma simplicidade, uma certa ingenuidade pueril, uma espontaneidade e sobretudo uma alegria que contagiava tudo e todos à sua volta. O povo baiano reconhece em Riachão a sua voz, a sua cara,

Seção Aruanda

a sua malemolência, a sua sagacidade. Riachão é o “Retrato Fiel da Bahia” - nome de uma das suas músicas mais conhecidas – que representa bem o significado que esse personagem tem para a sua gente.

Clementino Rodrigues por batismo, veio ao mundo aos quatorze dias de novembro de 1921. Nascido e criado no Bairro Fazenda do Garcia em Salvador, reduto de grandes sambistas, nunca deixou o bairro que tanto amava e que muito cantou em verso nos seus sambas. Aos 9 anos já cantava nas serenatas, nos aniversários ou nas batucadas com os amigos do bairro. Batucava em latas de água onde tamborilava seus sambas. A primeira composição veio aos 12 anos, um samba sem título que dizia: "Eu sei que sou malandro, eu sei, conheço o meu proceder/ Deixe o dia raiar que a minha turma, ela é boa para batucar".

O apelido "Riachão" ganhou ainda na infância, explica:

Quando menino, eu gostava muito de brigar. Mal acabava uma peleja, já estava eu disputando outra. E aí chegavam os mais velhos para apartar, empregando aquele ditado popular: você é algum riachão que não se possa atravessar?

Trabalhou como alfaiate, contínuo de banco, vendedor de cachorro-quente e por 20 anos trabalhou na Rádio Sociedade da Bahia onde também começou sua carreira artística, nos famosos programas de auditório, que o tornaram conhecido na Bahia. Era anunciado sempre como “o cantor que só canta músicas próprias”.

Por se inspirar em episódios extravagantes da capital baiana (como a exposição de uma baleia na praça da Sé), ele passou a ser chamado de “cronista musical da Bahia”. Expoente da era de ouro do rádio baiano nas décadas de 1940 e 1950, seus sambas irreverentes, tais como "Retrato da Bahia" e "Bochechuda e Papuda", o tornaram ganhador do "Troféu Gonzaga".

Riachão teve várias das suas músicas interpretadas por cantores nacionais, uma das mais conhecidas foi "Vá Morar com o Diabo", cantada por Cássia Eller. Também é de sua autoria a famosa música "Cada Macaco no Seu Galho", escolhida por Caetano Veloso e Gilberto Gil, em 1972, para marcar seus retornos ao Brasil depois de exílio político durante o regime militar no Brasil e que gravaram posteriormente

Apesar de ter o talento reconhecido pela crítica e por grandes artistas da MPB, Riachão não conseguia se inserir no mercado. Só para se ter uma ideia, seu álbum “Sonho de Malandro”, de 1973, que predominam os sambas da malandragem, que é também a marca registrada da sua obra, mesclando metais, acordeom, flauta, coro de pastoras e até um regional de choro, foi pouco divulgado.

Em 1976, Riachão teve um samba proibido pela censura. A letra da música “Barriga Vazia” falava da fome: “Eu, de fome, vou morrer primeiro / você, de barriga, também vai morrer um dia”. A notícia da censura correu a cidade e, num show no ICBA, em 1976, a plateia universitária frequentadora contumaz do espaço cultural, localizado em um bairro de elite em Salvador, exigiu que Riachão a cantasse.

Riachão trabalhou também como ator, atuando em alguns filmes, entre eles "A

Seção Aruanda

Grande Feira", de Roberto Pires, em 1961, e "Os Pastores da Noite", de Marcel Camus, em 1972, baseado na obra do amigo Jorge Amado. E em 2002, fez participação especial no seriado "Pastores da Noite", da Rede Globo de Televisão, baseado no filme.

O álbum "Humanenochum", lançado pelo selo Caravelas, em 2000, indicado ao Grammy Latino, representou um ponto de inflexão no reconhecimento nacional de sua obra, assim também como o documentário "Samba Riachão" (2001 - 89min.) dirigido pelo baiano Jorge Alfredo que conquistou o prêmio do Júri Popular no 34º Festival de Cinema de Brasília em 2001, além de vários outros prêmios.

Eu tive o imenso prazer de acompanhá-lo com meu violão algumas vezes e era sempre uma grande aventura, pois nas suas apresentações quase nunca havia roteiro, ou quando havia, ele sempre se lembrava em cena de alguma canção antiga ou que falava de alguma situação do momento e mandava ver. No máximo dava uma dica e solfejava as primeiras notas imitando um trombone com a boca dando o tom da música, marca registrada sua. Os músicos que se virassem para acompanhá-lo!

Conversar com o malandro então, era uma delícia. Não parava um minuto, contando causos e falando de suas histórias sempre com a entonação de quem estava num palco representando. A cada momento de sua conversa, pra completar alguma frase mandava sempre a famosa: "...galinha assada e coisa e tal", que virou também sua marca registrada. E quando contava como compôs determinada música num momento de inspiração, sempre se referia a alguém lá de cima que lhe enviava a música: "...então, desceu um sambinha", dizia ele.

Riachão sempre me lembrou outro malandro do mesmo naipe: Martinho da Cuíca, negro franzino de chapéu palha sempre de banda, sambista de primeira com quem tive o prazer de conviver em Salvador e que também era um remanescente desse tempo de glórias. Martinho "morava no sapato", pois aparecia assim do nada, onde quer que houvesse uma roda de samba na cidade. Sua cuíca roncava bonito e ele impressionava quando resolvia interpretar belos sambas com a elegância que lhe era peculiar. Fica aqui minha homenagem a esse outro grande malandro que também já foi pro andar de cima.

Os dois chegaram a dialogar sobre o tema da malandragem no documentário "Batatinha e o Samba Oculto da Bahia" sobre o sambista baiano Batatinha que eu dirigi em 2007. No filme Riachão ressaltava: "*malandro é uma coisa, vagabundo é outra coisa!*" evidenciando o valor que ele atribuía ao conceito de malandragem já que, no universo do samba e da capoeira, ser chamado de malandro é um grande elogio.

Em vida Riachão recebeu várias homenagens, entre elas, um dos circuitos do carnaval de Salvador, localizado no seu bairro - Garcia - foi batizado de "Circuito Riachão". Toda segunda feira de carnaval, o tradicional cortejo conhecido como "Mudança do Garcia" sai pelas ruas do bairro com um tom de irreverência e crítica político-social. Mas ao passar sob a varanda da casa de Riachão localizada na rua principal, o cortejo nunca deixou de bater seus tambores em reverência a esse grande sambista.

O músico e compositor baiano Tom Zé o definiu como "o depuramento de um

Seção Aruanda

artista”, encantado que era com a capacidade de Riachão de retratar o cotidiano com uma ironia e humor únicos, além da sua “pureza rítmica” que o elevava para um lugar onde poucos artistas merecem estar. O famoso historiador baiano Cid Teixeira o definiu como: “o samba transformado em gente”.

No ano de 2017 Riachão prestou depoimento na série "Depoimentos para a Posteridade", do MIS (Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro), na sede da Praça XV. Seu legado e sua memória ficam devidamente registrados para as futuras gerações.

Riachão morreu dormindo, de causas naturais no último dia 30 de março, aos 98 anos de idade, ainda ativo e cantando sambas por aí. O malandro não morreu, foi para o Órun se encantou! De lá segue iluminando as batucadas pelos quatro cantos desse país.

Salve Riachão!

Rferências

Documentário “Samba Riachão” (2001 – 89 min.) Direção Jorge Alfredo

Documentário “Batatinha e o Samba Oculto da Bahia” (2007 – 48 min.) Direção Pedro Abib

Dicionário Albin da Musica Popular Brasileira

<https://www.last.fm/pt/music/Riach%C3%A3o/+wiki> Acessado em 11/04/2020

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Riach%C3%A3o_\(sambista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Riach%C3%A3o_(sambista)) Acessado em 11/04/2020